

Bloco de Livros

The New York Review of Books

Terror biológico

Ken Alibek exilou-se nos Estados Unidos quando percebeu que o programa soviético de desenvolvimento de armas biológicas, em que trabalhava entusiasticamente há muito anos, não podia prosseguir. Tal como acontece hoje no Iraque, nos anos 90 inspetores norte-americanos foram enviados para o território da antiga URSS para controlar o desmantelamento do programa. Alibek resistiu como pôde, tentou confundir os inspetores, proteger o seu trabalho. Quando ficou claro que isso já não era possível fugiu com a família para os Estados Unidos. No livro "Biohazard: The Chilling True Story of the Largest Covert Biological Weapons Program in the World – Told from Inside by the Man who Ran It" de Ken Alibek com Stephen Handelman, ed. Delta (EUA), o físico cazaque conta a sua história e descreve em pormenor o programa de armas biológicas da União Soviética. Um artigo no número de Abril da "New York Review of Books" resume alguns dos pontos mais arrepiantes do livro, das descrições de testes de armas biológicas em macacos amarrados a postes numa ilha do Mar Aral, e deixados depois a morrer numa agonia horrível, a episódios medonhos como a forma como morreram dezenas (milhares?) de pessoas em Sverdlovsk, em consequência da explosão de uma fábrica militar onde se produzia antrax, passando por descrições das experiências com vírus tão sinistros como o Marbug, um "primo" do Ebola. ■

The Economist

A Áustria de Haider

"Guilty Victim: Austria from the Holocaust to Haider" de Hella Pick, I.B. Tauris (edição britânica) é um dos livros destacados pela "Economist" de 17 de Junho. Apesar de ser particularmente oportuno, este não é um livro sobre Joerg Haider (o líder da extrema-direita austríaca), frisa o autor do artigo. É, acima de tudo, uma reflexão sobre as últimas décadas e a forma como a Áustria (não) enfrentou o seu passado. Hella Pick, jornalista do diário britânico "The Guardian", é austríaca de nascimento, mas fugiu quando o país foi anexado por Hitler em 1938. Este distanciamento permite-lhe com mais facilidade ser crítica em relação a questões como, por exemplo, a forma pouco generosa como a Áustria tratou as vítimas do nazismo quando estas quiseram regressar. Sem assumirem as suas culpas, os austríacos optaram pelo papel, bastante mais confortável, de primeiras

vítimas da Alemanha nazi. Pick, que também destaca os aspectos positivos da evolução austríaca, fornece, segundo a "Economist", "um 'background' valioso para a questão Haider: um aborrecimento passageiro ou uma ameaça perigosa?". ■

À procura da fortuna de Mobutu

"Este livro vai tornar-se um clássico". Quem o garante é, mais uma vez, a "Economist" (de 15 de Julho) numa crítica a "In the Footsteps of Mr. Kurtz: Living on the Brink of Disaster in the Congo", de Michela Wrong, ed. Fourth Estate. A autora, que foi correspondente da Reuters em Kinshasa e correspondente do "Financial Times" para África, investiga a ditadura de Mobutu Sese Seko, no Zaire. O objectivo era descobrir o paradeiro da gigantesca fortuna pessoal do ditador que "não distinguia entre o Tesouro do Estado e a sua conta bancária pessoal". Wrong esteve nos palácios saqueados de Mobutu e viu como os vasos Ming e os móveis antigos não passavam de falsificações, com os preços ainda marcados. Mas escreve também sobre as responsabilidades da comunidade internacional na situação que se criou no Zaire e entrevista alguns dos principais protagonistas, como o agente da CIA que salvou a vida de Mobutu e o ajudou a chegar ao poder. ■

Le Monde des DEBATS

A globalização e a oliveira

Thomas L. Friedman é um idealista. O editorialista de política internacional do "New York Times", antigo correspondente em Beirute e Jerusalém (experiência que lhe permitiu escrever o excelente "From Beirute to Jerusalem") reflecte agora sobre a globalização em "The Lexus and the Olive Tree" – um livro elogiado por Jean-Pierre Langellier no "Le Monde des Débats" de Fevereiro. Com a mundialização, o planeta transformou-se no palco de uma luta entre a parte da humanidade que sonha com o conforto e a modernidade (simbolizados pelos carros de luxo japoneses da Lexus) e outra parte que se agarra à tradição, à identidade (a oliveira). Friedman defende a globalização mas avisa que "é preciso proteger a oliveira". E deixa um recado aos Estados Unidos: "A América é o país que mais beneficia da economia global. É seu dever fazer com que a mundialização beneficie o maior número possível de Estados". Para que o sistema dure, os EUA têm que ter uma política externa "activa e generosa". Este é, nas palavras de Langellier, "um livro fluido, nervoso, estimulante, rico em pequenas histórias pertinentes". ■